

# **A LOUCURA EM DOSTOIÉVSKI: UMA ANÁLISE SOBRE O PERSONAGEM DE 'CRIME E CASTIGO'**

LIMA, Fernanda Priscila de (Monitoria Direito/UNIBRASIL)

## **RESUMO**

A loucura é retratada e interpretada de diferentes formas ao longo dos anos, ao tomar conhecimento dessa situação, surgiu a ideia do presente artigo. As literaturas são importantes fontes de observação sobre os retratos da loucura. Em 'Crime e castigo', Fiódor Dostoiévski aborda a loucura em alguns de seus personagens, sendo o Rodion Románovitch Raskólnikov o personagem principal da obra e o objeto de estudo deste artigo. A obra é do século XIX, escrita em uma Rússia czarista onde a maioria da população vivia em situação de miséria, e é nesse quadro que os personagens de Dostoiévski se relacionam. Raskólnikov é um ex-estudante de Direito com uma teoria própria sobre o ato criminoso, e após cometer um duplo homicídio passa a sofrer de febres e delírios. As relações interpessoais e as atitudes de Raskólnikov podem ser interpretadas como signos psíquicos que se relacionam com como os saberes da época concebiam as diferentes afecções mentais. Signo é tudo aquilo que representa outra coisa, ou seja, uma atitude não é apenas uma ação sem significado, mas representa (alg)um sentimento. A pesquisa teve como obra principal o livro 'Crime e castigo'; e como apoio os estudos sobre a loucura no século XIX, a fim de evitar anacronismos. A loucura de Raskólnikov não foi consequência de seu crime, mas teve grande importância no momento de sua punição.

Palavras chaves: Loucura; Signos; Crime; Castigo.

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho iniciou com o objetivo de fazer uma análise semiótica sobre o personagem Raskólnikov da obra "Crime e Castigo" do autor Fiódor Dostoiévski. Partindo da concepção de que semiótica é a ciência que estuda os signos e que signo é tudo aquilo que representa outra coisa, foi feita uma observação sobre as atitudes, gestos e falas do personagem considerando-os como signos para a interpretação de seu estado psíquico, por isso o chamamos de signos psíquicos.

O interesse por esse tema surgiu com o início dos estudos sobre a história dos psicofármacos e o conhecimento de que a loucura passou por diferentes classificações ao longo dos tempos. Em uma primeira leitura da obra "Crime e Castigo", antes do início desses estudos, havia ficado a impressão de que o

personagem de Raskólnikov ficara louco após cometer o crime. Ao conhecer as diferentes classificações da loucura, surgiu então a pergunta: Raskólnikov ficou mesmo louco?, Mas para respondê-la seria preciso entender como a loucura era concebida na época em que fora escrita a obra e quais os sinais dessa loucura no personagem, fazendo portanto uma nova leitura identificando todos os signos que representam a loucura presente no personagem.

O trabalho inicia com uma breve abordagem a respeito dos signos, em seguida são apresentadas as classificações da loucura criadas no século XIX; e por fim são tratados os principais momentos da obra em que foram localizados signos que indicam a loucura em Raskólnikov.

## **SIGNOS PSÍQUICOS**

O presente estudo tem como principal objeto de análise uma obra literária, pois tais obras por mais que possuam personagens fictícios, são escritas por homens reais que possuem uma sensibilidade extrema que os diferenciam das pessoas comuns.

Freud atribui antes de mais ao escritor o estatuto de inovador, que precede de certo modo, por uma forma especial de conhecimento, o saber científico. De fato, bebendo 'de fontes que ainda não tornámos acessíveis à ciência', poetas e romancistas apreendem 'coisas que a nossa sabedoria escolar não pode ainda sonhar', neste sentido eles são, pois, 'preciosos aliados' cujo testemunho 'deve ser tido na maior consideração'. A perspicácia do romancista, reconhece Freud, permiti-lhe não só igualar mas até ultrapassar a ciência: 'é a ciência que soçobra perante a obra do romancista'. ... Freud define o romancista como um aliado da psicanálise.<sup>1</sup>

Na literatura o mundo psíquico do personagem pode ser explorado de forma aprofundada e a alma do personagem se torna acessível à análise. Até mesmo os filmes baseados nas obras não conseguem representar de forma fidedigna os sentimentos dos personagens, pois depende de atores e diretores, tornando-se uma análise das interpretações que eles tiveram da obra, portanto se tornando fonte secundária. Foi o íntimo do personagem Raskólnikov que se buscou conhecer, por meio dos sinais apresentados em seus gestos e pensamentos. Dostoiévski trabalhou

---

<sup>1</sup> PLAZA, Monique. **A escrita e a loucura**. Editora Estampa: Lisboa, 1990. p.23.

a loucura de formas diferentes em "Crime e Castigo", de uma forma mais explícita na personagem Ekatierina Ivánovna, como no trecho em que ela saí nas ruas gritando de forma ridicularizada, e de uma forma mais sutil em Raskólnikov.

Buscou-se identificar na obra os signos do personagem que possibilitam a identificação da loucura existente em Raskólnikov. "O signo é um tipo de sinal. Tem-se sinal como qualquer estímulo emitido pelos objetos do mundo. (...) O signo é um sinal especial, um sinal sempre provido de significação."<sup>2</sup> Quando Dalgarrondo menciona que um sinal é provido de significação, partimos para a concepção de que todo signo representa algo, ele traz em si uma representação de algo que está além de si mesmo, ou seja, ele remete ao pensamento uma impressão de algo além do que ele realmente é. Um choro não é apenas um choro, mas ele representa algo mais, pode ser o sinal de uma dor física ou psicológica. Um choro acompanhado de um sorriso já não representa mais uma dor, mas pode significar uma forte emoção. O signo é o principal objeto de estudo da Semiótica, que pode ser definida como "a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objeto o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido."<sup>3</sup> A Semiótica se apropria da Fenomenologia ao trabalhar todo e qualquer fenômeno, e isso faz com que ela tenha uma característica interdisciplinar podendo ser aplicada em diversas áreas, o que também é possibilitado pelo papel universal dos signos.<sup>4</sup> Por isso a Semiótica pode ser aplicada e tem importância para diversas áreas, e por isso também tem sido utilizada na medicina e psicopatologia, "A semiologia médica e a psicopatologia tratam particularmente dos signos que indicam a existência de sofrimento mental, transtornos e patologias. Os signos de maior interesse para a psicopatologia são os sinais comportamentais objetivos, (...), e os sintomas, isto é, as vivências subjetivas." <sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> DALGARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 24.

<sup>3</sup> SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 32.

<sup>4</sup> MONTEIRO, Silvana; LIMA, Fernanda Priscila. **Imagem e identidade: por uma leitura semiótica de logomarca e rótulos de embalagens**. Cadernos da Escola de Comunicação, v.1, nº11, 2013. p.91.

<sup>5</sup> DALGARRONDO, Paulo. Op. cit., p.24.

E a semiologia utilizada na psicopatologia se sub divide em semiotécnica e semiogênese, sendo a semiotécnica aquela que se refere "a técnicas e procedimentos específicos de observação e coleta de sinais e sintomas"<sup>6</sup>, e uma dessas técnicas consiste na observação, "Fundamental, (...), é a observação minuciosa, atenta e perspicaz do comportamento do paciente, do conteúdo de seu discurso e do seu modo de falar, da sua mímica, da postura, da vestimenta, da forma como reage e do seu estilo de relacionamento com o (...) seus familiares."<sup>7</sup> Com base nessa técnica, na observação do personagem Raskólnikov, foram destacados os sinais que identificam características de loucura conforme as classificações de Pinel e Esquirol, importantes estudiosos da loucura no século XIX.

### A CLASSIFICAÇÃO DA LOUCURA NO SÉCULO XIX

Pinel foi um dos mais importantes estudiosos do século XIX a abordar e classificar a loucura, ele entendia a loucura como uma lesão ocorrida na vontade ou no intelecto que se manifestava no comportamento, e para classificá-la era necessária uma criteriosa observação sobre os sintomas. "O princípio fundamental é o estudo preliminar e cuidadoso das diferentes lesões do intelecto e da vontade manifestadas exteriormente como alterações no comportamento, nos gestos, no modo de falar e através de precisos distúrbios físicos [...]"<sup>8</sup> "[...] se os sintomas são atentamente observados e com empenho constante, torna-se possível classificá-los e distinguí-los, como base nas lesões fundamentais do intelecto ou da vontade, sem deixar-se desviar pelas inúmeras formas que eles apresentam [...]"<sup>9</sup>

Pinel elaborou uma classificação da loucura a partir de critérios sintomáticos, dividindo-a em quatro formas: mania, melancolia, demência e idiotismo, e chamou esse conjunto de formas de **alienação mental**. As três primeiras "*referem-se diretamente à loucura, admitida como distúrbio ou aberração, distorção, erro, das faculdades mentais.*"<sup>10</sup>

<sup>5</sup> DALGALARRONDO, Paulo. Op. cit., p.24.

<sup>6</sup> Ibid. Op. cit., p.25.

<sup>7</sup> Id.

<sup>8</sup> Pinel, *Traité*, 1809, 2, *apud* PESSOTI, Isaias. **Os nomes da loucura**. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 57.

<sup>9</sup> Pinel, *Traité*, 1809, 5, *apud* PESSOTI, Isaias. Op. cit., p. 57-58.

Já o idiotismo estaria relacionado a uma carência intelectual e não racional, embora ambas são resultados de "*condições desfavoráveis da vida afetiva*."<sup>11</sup>

As quatro espécies de alienação têm como base os tipos de lesões, identificados pelos sintomas. Iniciando pela mania que tem como principal sintoma e característica o delírio geral: "[...] que se caracteriza por uma excitação nervosa ou uma grave agitação que pode chegar ao furor, com um delírio geral, mais ou menos acentuado [...] Qualquer coisa, seja algo moral ou físico e até mesmo os produtos vãos da imaginação, pode tornar-se o objeto do delírio."<sup>12</sup>

Se a mania é caracterizada pelo delírio geral, um delírio parcial é a principal característica da melancolia: "[...] Os alienados dessa espécie são frequentemente dominados por uma ideia fixa, sempre recorrente em seus discursos [...] nada mais enigmático e mais frequente do que as duas formas de melancolia [...] às vezes um orgulho desmedido [...] a ideia de ter um poder ilimitado ou, às vezes, o abatimento, consternação profunda e até o desespero [...]"<sup>13</sup>

Seguidor de Pinel, Esquirol também cria classificações para a loucura tendo a classificação de Pinel como base, mas incluindo as noções de paixões, "O critério de classificação de Esquirol e de seus seguidores é, claramente, sintomatológico ou sintomático: o desvio da racionalidade, ou delírio (parcial ou geral), deve ser combinado com outra evidência semiológica, ou seja, a presença de paixões características em cada modalidade de loucura."<sup>14</sup>

Esquirol mantém o raciocínio de Pinel ao considerar a loucura como um distúrbio das funções racionais e intelectuais, mas em sua divisão há em cinco espécies de loucura. Aqui interessa duas delas

Lypemania definida como delírio limitado, parcial, relativo a um ou poucos objetos, acompanhada por paixão triste ou depressão; Monomania, semelhante à primeira quanto à extensão do campo do delírio, mas diversa quanto à paixão que a acompanha - o delírio é restrito a poucos objetos ou a um só mas é acompanhado da paixão alegre, expansiva;<sup>15</sup>

---

<sup>10</sup> PESSOTI, Isaias. Op. cit., p.57.

<sup>11</sup> Id.

<sup>12</sup> Pinel, *Traité*, 1809, III, *apud* ibid. p. 58.

<sup>13</sup> Pinel, *Traité*, 1809, 163-164, *apud* ibid. p. 59-60.

<sup>14</sup> Ibid. p. 62.

<sup>15</sup> Ibid. Op. cit., p. 61.

No momento a definição que mais interessa principalmente é a definição da Monomania, pois será essa a classificação escolhida por Dostoiévski para atribuir ao Raskólnikov no momento de sua sentença.

A monomania foi incluída nas classificações pelos estudos de Esquirol, "a criação da categoria das monomaniás complica a sistemática da loucura: é um delírio restrito como o da melancolia, na acepção tradicional (e de Pinel), mas implica excitação, como toda mania, entendida na acepção mais clássica."<sup>16</sup>. A monomania estaria então entre a melancolia e a mania descritas por Pinel, como se fosse uma mistura, com características de uma e características de outra.

Na obra de Dostoiévski são encontrados em vários momentos esses termos tão específicos dos estudos sobre a loucura como a alienação mental, mania e monomania, por serem contemporâneos a obra e os estudos, pode-se afirmar que Dostoiévski era conhecedor dos estudos de Pinel e principalmente de Esquirol, construindo seus personagens com características específicas já pensando como eles poderiam ser classificados como loucos.

## **CRIME E CASTIGO**

Crime e Castigo foi escrito por Fiódor Dostoiévski em 1866. Não vale mencionar a história de sua vida e personalidade antes de se adentrar em sua obra, evitando causar pré julgamentos. Resumidamente, a obra conta a história de Rodion Raskólnikov, ex-estudante de Direito, de família humilde, pai falecido, mãe e irmã muito pobres. Raskólnikov vive miseravelmente em São Petersburg, enquanto sua mãe e irmã vivem no interior. Em meio a tantas dificuldades financeiras Raskólnikov comete um crime, e após tal ato passa a sofrer de febres e delírios.

O estado de miséria em que se encontrava, fez com que Raskólnikov passasse a evitar as pessoas "E isso não porque fosse covarde ou tímido, pelo contrário, é que já há algum tempo se encontrava num estado de excitação e nervosismo parecido com o da hipocondria. Estava a tal ponto apegado ao seu quarto e afastado de todos que receava se encontrar com quem fosse, e não

---

<sup>15</sup> Ibid. Op. cit., p. 61.

<sup>16</sup> Ibid. Op. cit., p. 62.

somente com a dona da casa. A pobreza o **deprimia**.<sup>17</sup> Este trecho encontra-se na primeira página da obra, o fato de querer evitar o contato com as pessoas já é um sinal de sua depressão, e segundo o autor foi gerado pela pobreza. Segundo PEIXOTO, os "revezes da fortuna" é uma das possíveis causas da loucura.<sup>18</sup> O pensamento de Dostoiévski segue a mesma linha de pensamento dos estudiosos da época, pois PEIXOTO é um pesquisador da área médica, suas alegações tem como base pesquisas científicas e observações de pacientes em hospitais.

Raskólnikov planeja o ato criminoso, mas por mais que fosse planejado, e já tivesse pensado em tudo, ainda assim não acreditava que seria capaz, “ as resoluções definitivas já adotadas (...) possuíam uma característica estranha: quanto mais definitivas, tanto mais monstruosas e absurdas pareciam depois a seus olhos. Apesar de toda a dolorosa luta interior, nunca, nem por um instante, chegou a acreditar na realização dos seus projetos.”<sup>19</sup> Raskólnikov teve uma confusão mental, planejou cada detalhe e mesmo assim tudo que planejara lhe parecia estranho, ao mesmo tempo em que queria cometer o crime, algo dentro de si o impelia ao contrário.

Desistiria de tudo, mas sentia que algo o impulsionava a fazê-lo “era como se alguém o tivesse pegado pelo mão e obrigado a segui-lo irrevogavelmente,(...), com uma força sobrenatural”<sup>20</sup>. O impressionante desse trecho é essa força que parece externa, como se ele não quisesse cometer o crime mas algo o obrigava. Essa força sobrenatural não era externa, mas totalmente interna de sua mente, e que lhe gerava a confusão mental já mencionada anteriormente, tal confusão é visivelmente um signo psíquico de seu transtorno mental.

Raskólnikov cria uma teoria do porque os criminosos eram facilmente descobertos, e para ele isso ocorria porque os criminosos se enfraqueciam racionalmente devido a culpa moral, mas ele não sofreria disso, pois pensava que sua atitude não era de fato um crime. Acreditava que matando uma agiota, faria um bem para a sociedade, visto que a agiota só fazia o mal para todos, “nem a sua razão nem a sua vontade o abandonariam durante toda a execução do seu plano,

---

<sup>17</sup> DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e Castigo**. L&PM: São Paulo. 2007. p.12. (grifo nosso)

<sup>18</sup> PEIXOTO, Antonio Luis da Silva. Considerações Gerais Sobre a alienação mental. Rio de Janeiro, 1837. 41 f. Tese - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. p. 653.

<sup>19</sup> DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Op. cit., p. 83.

<sup>20</sup> Ibid. p. 85.

unicamente pela razão de que aquilo que se propunha a fazer não era um crime.”<sup>21</sup> Porém, no momento do crime a razão o abandonara, pegou a machadinha “sem se aperceber do que fazia, (...), com um gesto maquinal, deixou-a cair sobre a cabeça da velha.”<sup>22</sup> Durante o planejamento, mesmo confuso, parecia estar raciocinando e no momento do crime perde a razão.

Seu plano se completara, mas algo inesperado aconteceu, a Lisaveta, irmã da velha apareceu de repente, e Raskólnikov deu-lhe um golpe fatal no crânio, estava “completamente fora de si”<sup>23</sup>, pensou em sair “correndo entregar-se, não por medo, mas unicamente por horror e aversão ao que fizera. A repugnância, sobretudo, surgia e crescia nele a cada momento (...) Dolorosos, tenebrosos pensamentos lhe atravessavam a mente (...) a ideia de que estava louco e de que naquele instante não tinha forças para discernir nem defender-se que talvez não fosse preciso fazer o que fazia.”<sup>24</sup> Aqui Dostoiévski destaca a aversão de Raskólnikov pelo que fizera, e em diversos momentos demonstra que a personalidade de Raskólnikov não era cruel e nem assassina, mas possuía um caráter de bondade, sempre buscando o bem ao próximo, como demonstrado em outras ações em que dá dinheiro a desconhecidos mesmo passando por dificuldades financeiras. “Ao chegar em casa ainda não estava em seu juízo perfeito.”<sup>25</sup>.

Quando saiu de casa para guardar os pertences da velha e para esconder as provas, Raskólnikov chegou em um lugar que costumava admirar na época da faculdade, e ali passou a ter reflexões e sentimentos confusos.

Esteve quase a ponto de rir, apesar de, ao mesmo tempo, sentir uma dor no peito! Parecia que todo o seu passado e todas aquelas ideias e enigmas pretéritos, e aqueles temas antigos, e aquelas antigas impressões e todo aquele panorama, e ele mesmo, e tudo, tudo estava agora lá embaixo, a seus pés, não sabia a que profundidade (...) Parecia que tinha levantado vôo, não sabia para onde, muito alto, e que tudo desaparecera diante dos seus olhos... Depois de ter feito um gesto involuntário com a mão, sentiu de repente que ainda segurava a moeda de vinte copeques. Abriu a mão,

---

<sup>21</sup> Id.

<sup>22</sup> Ibid. p. 91.

<sup>23</sup> Ibid. p. 95.

<sup>24</sup> Id.

<sup>25</sup> Ibid. p. 101.

contemplou a pequena moeda com toda a atenção, balançou-a no ar e atirou-a na água; depois deu meia-volta e regressou para casa. Parecia que **a sua pessoa tinha sido cortada de todos e de tudo**, com uma faca.<sup>26</sup>

Parece que é aqui o ponto que separa o antigo Raskólnikov do novo Raskólnikov, como se nesse momento, sua razão não fosse mais a mesma. Esse corte, como uma separação entre ele e o resto do mundo, se tornando um “anormal”, pois não pertenceria mais ao resto da sociedade.

Ao chegar em casa dormiu e passou a ter delírios: que o ajudante do delegado vinha buscá-lo para prendê-lo, ouvia vozes, choros, e todo o prédio vinha abaixo. Nastássia, a empregada da casa, trouxe-lhe comida e ele perguntou da confusão, ela disse que não houve nada e saiu do quarto para buscar água, quando retornou ele não se lembrava de nada e de repente perdeu os sentidos.<sup>27</sup> Raskólnikov ficou doente, “era um estado febril, com delírio e uma semiconsciência.”<sup>28</sup> Esses delírios são característicos dos alienados conforme PEIXOTO, “os alienados padecem de falsas percepções, sem terem lesões dos órgãos destinados a transmitir as impressões ao cérebro, e é o que propriamente se chama alucinação.”<sup>29</sup>

Raskólnikov ficou por um período em estado febril e acamado perdendo totalmente a noção de tempo,

Às vezes parecia que há um mês já estava de cama (...) Mas outras parecia que ainda não se passara nem um dia. 'Daquilo' esquecera-se completamente, mas lembrava-se a todo momento que se esquecera de alguma coisa de que não podia ter esquecido e angustiava-se e afligia-se com essa recordação; gemia, enfurecia-se ou espantava-se, ficava tomado de um medo incontável. Então erguia-se na cama, queria fugir, mas havia sempre alguém que o dominava à força e ele caía de novo na inércia e no torpor. Até que finalmente acabou recuperando toda a lucidez.<sup>30</sup>

Não há menção na obra do tempo transcorrido desse período que esteve em um estado de subconsciência, mas há o comentário de um dos personagens que ele

---

<sup>26</sup> Ibid. p. 131. (grifo nosso)

<sup>27</sup> Ibid. p. 132.

<sup>28</sup> Ibid. p. 133.

<sup>29</sup> PEIXOTO, Paulo. Op. Cit., p. 656.

<sup>30</sup> DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Op. cit., p. 134.

ficara quatro dias sem se alimentar, dando a entender que tenha sido esse o tempo. O médico que cuidou de Raskólnikov disse que tal estado poderia ter sido “algum desarranjo dos nervos ou má alimentação”<sup>31</sup>, portanto pelos acontecimentos anteriores de fato foi um desarranjo dos nervos.

Mesmo acordado começa a ter delírios, “saltou da cama meio doido.”<sup>32</sup> Começou a refletir se as pessoas próximas a ele já sabiam de sua culpa, se não seria melhor fugir, “as suas ideias, já de si doentias e incoerentes, começaram a embrulharse cada vez mais e não tardou que um sono leve e agradável se apoderasse dele (...) afundou-se num sono profundo.”<sup>33</sup> Mas dormiu apenas por algumas horas. Para PEIXOTO os alienados sofrem de falsas percepções e acreditam que são perseguidos, até mesmo por parentes e amigos.<sup>34</sup>

Recebeu as visitas de Razumíkhin, seu amigo de faculdade; Zósimov, o médico; Lújin, noivo de sua irmã; e Nastássia, sendo o assassinato da velha o assunto principal da conversa, o que deixou Raskólnikov agitado. Após todos saírem de seu quarto, Raskólnikov ficou sozinho e começou a se vestir e, ao se trocar, “Coisa estranha: parecia que, de repente, se apoderara dele uma tranquilidade absoluta; não se encontrava no estado de semidelírio, como antes, nem de pânico, como nos últimos tempos. Era esse o seu primeiro momento de rara e repentina serenidade.”<sup>35</sup> Saiu de casa determinado “hoje mesmo! Hoje mesmo!”<sup>36</sup>, mas não sabia para onde iria, ou seja, novamente uma confusão mental, decide fazer algo, mas não sabe o que fazer.

Na rua Raskólnikov falou com estranhos, mas suas conversas não fizeram sentido, até que adentrou em uma taberna para beber e encontrou o Zamiotóv (ajudante do investigador). Começaram a conversar e Raskólnikov esteve a ponto de confessar tudo, na verdade o fez, mas de tal maneira que Zamiotóv não acreditou que seria de fato verdade, mas passou a acreditar que Raskólnikov não estava em sã consciência “– Mas o senhor está lou...co? disse Zamiotóv e deteve-se, como se

---

<sup>31</sup> Ibid. p.135.

<sup>32</sup> Ibid. p.143.

<sup>33</sup> Ibid. p.145.

<sup>34</sup> PEIXOTO, Paulo. Op. Cit., p. 655.

<sup>35</sup> DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Op. cit., p. 173.

<sup>36</sup> Id.

uma ideia súbita tivesse cruzado o seu cérebro.”<sup>37</sup>. A forma desconexa que Raskólnikov falava, fazia Zamiótov achar que eles estava louco, devido a sua conversa não fazer muito sentido. Pensamento também compartilhado pelo Razumíkhin, que o encontra na saída da taberna, " – Fala com lucidez e no entanto **parece** ... Será que eu também sou um idiota? Por acaso os loucos não falam com lucidez?”<sup>38</sup>

Raskólnikov andava e refletia se iria ou não à delegacia. Parou numa ponte e ao seu lado uma mulher se aproximou e se jogou na água, houve um breve tumulto e retiraram a senhora do rio, ela estava bêbada. Após tal fato Raskólnikov se virou em direção à delegacia, mas teve um desânimo. “Tinha a alma vazia e insensível. Não queria pensar. Até o seu aborrecimento passara, nem sequer tinha restos da magia de há um momento, quando saíra de casa decidido a acabar de uma vez com tudo. Uma apatia total se apoderara dele naquele momento.”<sup>39</sup> Não somente o raciocínio de Raskólnikov era confuso, mas seus sentimentos também, seu humor mudava rapidamente e constantemente, o que se refletia em suas atitudes.

Em conversa com Razumíkhin, este diz a Raskólnikov que Zósimov acredita que ele está doido ou quase isso, na verdade Zósimov é um médico cirurgião que “deu agora para se intrometer nas doenças mentais”<sup>40</sup>

A mãe e a irmã de Raskólnikov perguntam sobre ele e Zósimov descreve o seu estado

a julgar pelas suas observações, aquela doença, além das péssimas condições em que ele vivera durante os últimos meses, se devia também a certas **causas morais**, e, por assim dizer, era produto de muitas e complexas influências morais e materiais, inquietações, preocupações, certas teorias, etc., etc. (...) diante da inquieta e tímida pergunta de Pulkhiéria Alieksándrovna sobre se 'tinha algumas suspeitas de alienação mental', respondeu com um sorriso plácido e sincero que haviam exagerado muito as suas palavras, que era verdade que se notava no doente uma espécie de idéia fixa, qualquer coisa que parecia uma monomania – tanto mais que ele seguia agora um extraordinário interesse nesse setor da

---

<sup>37</sup> Ibid. p.181.

<sup>38</sup> Ibid. p.188.

<sup>39</sup> Ibid. p.190.

<sup>40</sup> Ibid. p.212.

medicina –, mas que era preciso ter presente que praticamente até aquele dia o doente estivera delirando e (...) e não havia dúvida de que a chegada das pessoas de família iria fortalecê-lo, animá-lo e provocar o completo restabelecimento dele., 'desde que lhe sejam evitadas novas emoções.<sup>41</sup>

É interessante a forma como Zósimov descreve a doença de Raskólnikov, pois mesmo ele sendo um cirurgião ele começa a entender, e a tentar desvendar o que ocasionou a doença de Raskólnikov, destaque para a causa moral, como o principal fator que tenha perturbado a saúde de Raskólnikov.

Zósimov diz a Razumíkhin que deixou escapar para a mãe e irmã de Raskólnikov de que ele estaria a enlouquecer, mas que foi o próprio Razumíkhin que o descreveu como um monomaníaco. Comenta que os “monomaníacos vêem um mosquito como um elefante e vêem em devaneios as coisas mais fantásticas”<sup>42</sup>, e isso concluiu que deva ser por isso que Raskólnikov quase confessara o seu crime ao Zamiótov. Aqui Dostoiévski aborda abertamente uma característica da monomania, deixando explícito o seu conhecimento sobre o tema.

Razumíkhin descreve a personalidade de Raskólnikov e uma delas é que ele é altivo e orgulhoso, sendo o orgulho um signo psíquico da melancolia.

O crime está sendo investigado por Porfíri, que leu um artigo de Raskólnikov publicado há dois meses em um periódico, e lhe questionou sobre suas teorias. A teoria de Raskólnikov era a de que existiam dois tipos de homens, os ordinários e os extraordinários. Os primeiros seriam os homens comuns que obedecem as leis e a moral, e evitam cometer crimes pois além das leis as suas próprias consciências o condenam. Já os extraordinários teriam o direito de cometerem crimes, pois para alcançarem bens maiores poderiam passar sobre obstáculos, suas consciências os libertariam da condenação. Eles seriam os benfeitores e fundadores da humanidade, e os futuros dominadores. Porfíri questiona a quantidade desses extraordinários, e Raskólnikov diz que são raríssimos. E questiona ainda se homens ordinários poderiam pensar que são extraordinários e saíam mantendo e roubando as outras pessoas, e Raskólnikov diz que homens assim saberiam que não são extraordinários porque suas consciências o diriam após cometerem o crime “são eles mesmos que se flagelam,

---

<sup>41</sup> Ibid. p.229-230.

<sup>42</sup> Ibid. p.235.

porque possuem uma elevada moralidade.”<sup>43</sup> Porfíri entra nesse assunto para especular a reação de Raskólnnikov, que age natural e tranquilamente.

Um homem na rua chama Raskólnnikov de assassino ele volta para casa, pega no sono e tem pesadelos, e num estado febril de delírio pensa “Isso da velha é um erro (...) a velha estava simplesmente doente (...) Eu não queria mais nada senão passar o mais depressa possível por cima do obstáculo (...) Eu não matei nenhuma pessoa humana; apenas matei um princípio.”<sup>44</sup> Parece que Raskólnnikov acreditaria ter tido a permissão para cometer o crime conforme a sua teoria, de que para um bem maior seria permitido passar por obstáculos por meio de crimes. Porém, esse seu pensamento era apenas uma forma de tentar justificar o seu crime e assim não deixar que sua consciência o condenasse, como o homem da rua acabara de fazê-lo.

Na descrição de sua teoria os homens extraordinários seriam pessoas muito importantes, e ele acreditava ser também um homem extraordinário “eu queria ser um Napoleão (...) Foi por isso que matei”<sup>45</sup>, e em seu estudo PEIXOTO comenta que nas casas de alienados se encontravam muitos príncipes, soberanos, e até mesmo deuses<sup>46</sup>, todos sob a efeito das falsas percepções.

Em conversas com Sônia, sua confidente, Raskólnnikov diz que ou se atira no rio ou irá parar num manicômio, pois sua perturbação mental o deixa tão confuso que vê outra alternativa, entre essas ou “outro lugar pior”<sup>47</sup>, o que poderia estar se referindo à prisão. E em conversa com Porfíri, este o chama de monomaníaco<sup>48</sup>. Na conversa entre eles é possível observar que Porfíri sabe de tudo e tenta de alguma forma tentar ajudar a amenizar a situação para Raskólnnikov, que por sua vez é convicto de suas ideias e não se deixa levar pelas argumentações de Porfíri até o irritá-lo chegando ao comentário. As pessoas ao redor de Raskólnnikov começam a acreditar que de fato ele não estava em sã consciência, pelas atitudes estranhas que passa a ter. Ele trata mal sua mãe e irmã, o que faz Razumíkhin acreditar que Raskólnnikov estaria louco,

---

<sup>43</sup> Ibid. p. 287.

<sup>44</sup> Ibid. p. 301.

<sup>45</sup> Ibid. p. 449.

<sup>46</sup> PEIXOTO, Paulo. Op. Cit., p. 655.

<sup>47</sup> DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Op. cit., p.355.

<sup>48</sup> Ibid. p. 378.

vim apenas com o objetivo de saber de uma maneira definitiva se é verdade, em primeiro lugar, que tu estás doido. Tu bem sabes que há quem esteja convencido (quem, não sei ao certo) de que tu estás completamente doido ou que falta pouco para isso. Confesso que eu me sinto muito inclinado a concordar com essa opinião, em primeiro lugar, pela tua estúpida e, até certo ponto, sórdida conduta (absolutamente inexplicável), e, além disso, levando em conta a maneira que tu te portaste com a tua mãe e a tua irmã na última vez. Só um homem reles e indigno, não se tratando de um louco, poderia se comportar com elas como tu te comportaste; portanto, estás louco.<sup>49</sup>

Raskólnikov havia trata sua mãe e irmã de forma estranha e agressiva, e tudo o que dizia não fazia sentido, mais um sinal de sua confusão mental, ou seja, um signo de sua desrazão.

Em algumas passagens, Raskólnikov diversas vezes diz estar cansado ou fraco, característica ou também um signo psíquico da melancolia. Outra característica da melancolia presente em Raskólnikov é a ideia de possuir um poder ilimitado, como é descrito por Pinel já mencionado anteriormente; e uma característica da mania de que tal ideia fixa leva a uma agitação que chega ao furor. " - Crime? Que crime? - exclamou ele de repente, como se tivesse sido acometido de um furor súbito. - O de ter matado um asqueroso e daninho piolho, (...), e por tê-la matado deviam ser perdoados quarenta pecados, (...) Isso é um crime? Eu não creio que seja"<sup>50</sup>. A ideia fixa e repetida de que possuía a permissão para matar por acreditar que seria um homem extraordinário e não comum.

Algumas circunstâncias levaram o caso a não ser descoberto, mas mesmo assim Raskólnikov decidiu se entregar, e "concluíram que o crime não podia ter sido cometido senão num estado ocasional de loucura, (...), de uma mórbida monomania de homicídio e de roubo, (...), invocou-se a novíssima teoria, que então estava na moda, da alienação mental temporária."<sup>51</sup> Chegaram a essa conclusão com base nos depoimentos de pessoas próximas sobre as atitudes dele e no fato de ele não ter usufruído dos pertences roubados. Foi condenado a trabalhos forçados por oito anos, pena atenuada com base nas circunstâncias atenuantes como o fato de ele ter se entregado mesmo não tendo provas contra ele, somente suspeitas.

---

<sup>49</sup> Ibid. p. 477-478.

<sup>50</sup> Ibid. p. 559.

<sup>51</sup> Ibid. p. 575.

## CONCLUSÃO

Ao começar os estudos a ideia inicial era a de que Raskólnikov sofrera forte distúrbio mental devido ao crime que cometera, como se a loucura tivesse sido uma consequência do seu crime. Porém, é preciso admitir que tal pensamento foi equivocado e superficial. Ao analisar mais cuidadosamente e detalhadamente a obra, foi possível localizar no personagem signos psíquicos de melancolia e mania antes da ação criminosa.

Apenas ler a obra não permite uma análise sobre o personagem, o entendimento das classificações da loucura de Pinel e Esquirol foram de extrema importância para a identificação dos signos psíquicos presentes no personagem. Não esquecendo que essas classificações foram criadas no século XIX, ou seja, contemporâneas à obra de Dostoiévski e por isso mesmo foram utilizadas pelo autor. Não há como negar que Dostoiévski foi conhecedor e de certo modo admirador desses estudos, pois ao conhecê-los é possível observar que Dostoiévski criou Raskólnikov com as características da monomania, classificação criada por Esquirol.

Conclui-se que o crime não foi o causador das febres e da loucura de Raskólnikov, ele já era um alienado mental antes do crime, portanto a sua confusão mental não foi o castigo do crime, como um forte remorso que o levara a ficar doente e até mesmo à confissão. Mas antes mesmo de planejar o crime, Raskólnikov escrevera sua teoria sobre os homens extraordinários e os homens comuns, e essa teoria pode ser considerada como uma ideia fixa, característica principal da monomania. Portanto, Raskólnikov já era um monomaniaco antes do crime.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTEL, Robert. **A ordem psiquiátrica: A idade de ouro do alienismo**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e Castigo**. L&PM: São Paulo. 2007.

MONTEIRO, Silvana; LIMA, Fernanda Priscila. **Imagem e identidade: por uma leitura semiótica de logomarca e rótulos de embalagens**. Cadernos da Escola de Comunicação, v. 1, nº 11, 2013.

PLAZA, Monique. **A escrita e a loucura**. Editora Estampa: Lisboa, 1990.

PESSOTTI, Isaías. **Os nomes da loucura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

PEIXOTO, Antonio Luis da Silva. **Considerações Gerais Sobre a alienação mental**. Rio de Janeiro, 1837. 41 f. Tese - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Laura Belluzzo de Campos. **Doença mental, psicose, loucura: Representações e práticas da equipe multiprofissional de um hospital-dia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.